

Místico não quer ficar na vitrina

“Se a coisa for feita de maneira aberta e palpável Brasília perde o próprio misticismo”

CELSO ARAUJO
Da Editoria de Cultura

“Se forem escancarar as portas dos místicos, coitados deles. Vão ter que sair correndo de Brasília e ir para o interior de Goiás”. As palavras são de Raul de Xangô e expressam, em grande medida, as reações da comunidade mística do DF ao projeto “Mística de Brasília” do Detur. Que as portas podem ser abertas, todos parecem concordar. O que varia, no caso, é a extensão da medida. Escancarar ou entreabrir? Insinuar ou desvelar? Os mistérios da capital do Terceiro Milênio, guardados a muitas chaves, resistirão aos “flashes” das máquinas fotográficas, sobreviverão à curiosidade indisciplinada dos turistas? Como é que reagirão os UFOS, que começam a vencer a timidez, diante das caravanas afoitas de americanos em busca do insólito?

Os temores dos místicos não são infundados. Afinal, a idéia do Detur de elaborar um roteiro mítico-turístico é pioneira, e o novo sempre gera insegurança. A conjugação dos esforços de hotéis e agências de viagem, sempre voltadas para a matéria, e das instituições voltadas para a mente e o espírito, a princípio parece temerária. Mas, mesmo assim, a comunidade mítica resolveu dar um voto de confiança ao Detur e participar da iniciativa. Alguns com sugestões, quase todos com a promessa de abrir suas portas, ainda que parcialmente, às iniciativas do projeto. Em um ponto são unânimes: a idéia do Detur é positiva porque vai poupar os turistas de visitar lugares não-recomendáveis.

COMO UM LAR

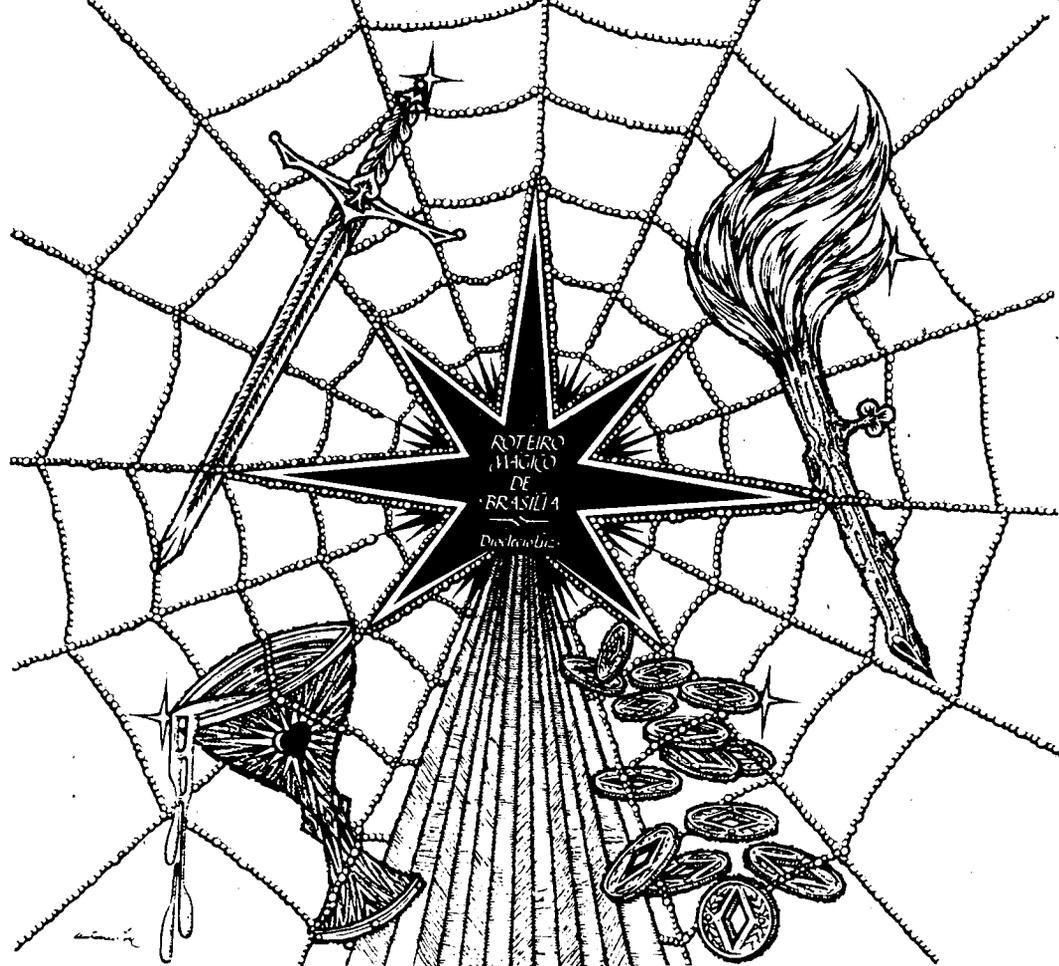
Na Cidade Eclética, sede da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, a perspectiva da chegada dos turistas não

assusta, mas também não chega a entusiasmar. Irmão Eutiçio, membro do Conselho Espiritual Administrativo, esclarece que a Fraternidade “não tem interesse de atrair pessoas com a intenção de ser grande”. Ele diz que a população transitória que recebem em busca de ajuda “social ou espiritual” é muito grande. Nos domingos, por exemplo, chegam à Cidade Eclética cerca de 50 carros e “uns três ônibus”, com pessoas “até do exterior”. Eles atendem a todos, partindo do princípio de “não fazer nada que não vise ao bem do ser humano”. Segundo Irmão Eutiçio, a iniciativa do Detur “não poderia trazer nenhum prejuízo para a Fraternidade”. Ele acredita que, entre os muitos turistas que aportarem por lá, alguns “terão sido indicados para conhecer” a Cidade Eclética e “receber a semente”. Os outros vão “pelo menos levar uma imagem”, e a intenção da Fraternidade, ele lembra, “é elucidar”. Na opinião de Irmão Eutiçio, a Cidade Eclética não tem monumentos para mostrar, e portanto atrai mais as pessoas interessadas em pesquisas o sistema de vida que adotaram.

Mário Sassi, um dos três administradores do Vale do Amanhecer, prefere não opor nenhum tipo de resistência: “Aqui no Vale é tudo aberto. O turista pode assistir a tudo”.

SÓ A SUPERFÍCIE

Mostrar parcialmente o misticismo, “de maneira velada” — so assim, na opinião do bruxo Raul de Xangô, poderá ser válido o projeto do Detur. Ele acha que “se a coisa for feita de maneira muito aberta e palpável, Brasília perderá profundamente seu próprio lado místico”. O que deve ser mostrado, defende, é “a membrana, a superfície de Brasília mística, senão a coisa pode se desgastar”. Raul de Xangô acredita que a



Copa do Roteiro Mágico, de Dioclécio Luz, que será lançado esta terça-feira, no Teatro Nacional

melhor forma de expor o misticismo da Capital é através de slides, filmes e gravações, em vez de “ficar à mercê de uma curiosidade turística, mostrando a coisa como se mostra uma vitrina, ou como se abre um museu”.

Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, diretor de planejamento do Instituto de Tecnologias Alternativas (ITADF), também acredita nas restrições dos turistas. Ele acha que existem algumas atividades que são estruturadas para o trato do grande público, o que seria o caso da Cidade Eclética e do Vale do Amanhecer. “Outras”, argumenta, “não têm estrutura absolutamente para responder a uma possível avalanche de interesses. Seria sua destruição”. O trabalho delas seria divulgado de forma basicamente audiovisual, com apoio editorial. Scortecci acha que interessados no assunto não precisam ser dirigidos”.

Homero Fernandes Bernardo, diretor do Centro Cultural

Mahatma, integrado à Augusta Grande Fraternidade Universal, considera “extremamente positiva a iniciativa do Detur”. Em primeiro lugar, porque, segundo ele, pessoas das mais diversas linhas vêm a Brasília em busca de novos caminhos, e seria importante direcionar essas pessoas. Em segundo lugar, porque estamos na era de Aquário e a ordem natural é abrir, divulgar. Ele explica: “Na era passada, a de Peixes, existia uma polaridade muito negativa, e a parte mística ficava muito fechada. A era de Aquário tem uma polaridade positiva. Todas as tendências vão vir à tona, para quem quiser pesquisar. A palavra-chave desta era é “saber”, conjugada com outra palavra-chave que é “ousar”. A parte intuitiva vai estar muito ligada à parte racional. A era é de síntese e de divulgar. O roteiro místico tinha que vir, é uma consequência natural da Era de Aquário”.

O professor Iuty Moura, do Templo da Deusa Lunar, filiado

à Irmandade Espiritual Estrela D’Alva, acha que “Brasília tem muito de misticismo para mostrar”, mas defende que “é preciso que haja uma espécie de seleção” do que vá ser mostrado: “Acho que os turistas deveriam ser levados aos monumentos e aos tempos que tenham rituais que possam ser explicados a eles”. Wanderley Lopes, editor das revistas “Convite da Natureza” e “Folha da Terra”, que fundou vários centros de meditação e foi um dos introdutores da macrobiótica em Brasília, tem uma visão menos mística do projeto do Detur. “Meu misticismo”, ele explica, “está voltado para coisas mais concretas”. Ele acrescenta que Brasília “realmente tem uma energia que atrai pessoas místicas, que querem encontrar o sentido do mundo”, mas acha que nessa “busca de compreensão do real” o fundamental é a saúde: você vai viver depois da morte”, diz, “é ótimo, mas vamos cuidar do aqui e agora e buscarmos ser felizes. Que Brasília se torne um pólo místico-turístico.